



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-11 – Informação em Saúde

BIBLIOTECÁRIOS DE CIÊNCIAS DA SAÚDE: COLÓQUIOS SOBRE APRENDIZAGEM E PRÁTICAS

HEALTH SCIENCES LIBRARIANS: COLLOQUIUMS ON LEARNING AND PRACTICES

Dayanne da Silva Prudencio. UNIRIO. UFF.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Discute a ideia de trilhas de aprendizagem como elemento norteador para os processos de aprendizagem dos bibliotecários de Ciências da Saúde no contexto brasileiro. Trata-se de pesquisa de caráter bibliográfico e de campo no que se refere aos meios de investigação, exploratória-descritiva quanto ao seu objetivo fim, e, do ponto de vista da análise dos dados e demonstração dos resultados, com abordagem qualitativa. Aplicou-se questionário, com perguntas fechadas, a uma amostra de bibliotecários atuantes no campo. Verificou-se que há uma relação entre a aprendizagem, o contexto de trabalho, as práticas de informação e a produção de conhecimento que os bibliotecários desenvolvem no campo da saúde. Conclui-se que as trilhas de aprendizagem destes profissionais são influenciadas pelos fluxos informacionais existentes, pela capacidade de negociação discursiva e de ação no campo, pela motivação de aprendizagem, pelo reconhecimento na comunidade, bem como pelo conhecimento gerado nestas conversões. Outrossim, que os atos de conhecimento alicerçados na disciplinaridade são insuficientes para a formação e práticas informacionais desenvolvidas intra comunidade de saúde.

Palavras-Chave: Formação do bibliotecário. Informação em saúde. Bibliotecário de Ciências da Saúde.

Abstract: It discusses the idea of learning paths as a guiding element for the learning processes of Health Science librarians in the Brazilian context. Regarding the means of investigation, this is a bibliographic and field research; as to its ultimate objective, exploratory-descriptive; and, from the point of view of data analysis and demonstration of results, with a qualitative approach. A questionnaire with closed questions was applied to a sample of librarians working in the field. It was found that there is relation between learning, context of work, information practices and the production of knowledge that librarians develop in the health field. It is concluded that the learning paths of these professionals are influenced by the existing information flows, by the capacity for discursive negotiation and action in the field, by the learning motivation, by recognition in the community, as well as by knowledge generated in these conversions. Furthermore, the acts of knowledge based on disciplinarity are insufficient for the formation and informational practices developed within the health community.

Keywords: Librarian training. Health information. Health Sciences Librarian.



1 INTRODUÇÃO

Esta comunicação é, na realidade, um recorte dos resultados de uma pesquisa de doutoramento que discutiu como os processos de aprendizagem influenciam no desenvolvimento das práticas informacionais dos bibliotecários que atuam na área de saúde no contexto brasileiro.

Ao examinar a produção científica brasileira sobre a atuação e práticas do bibliotecário no campo da saúde, observa-se uma “atuação quase sempre circunscrita ao setor acadêmico, com atividades fundamentadas na prática, sem atitude científica” (BERAQUET; CIOL, 2010). Há, portanto, elementos para cotejar a diferença entre as práticas dos bibliotecários brasileiros e as de americanos e canadenses, sobretudo em alguns campos como o da saúde.

Não ignoramos que o contexto político, histórico e social, a influência do regime de informação e os artefatos e tecnologias disponíveis desenvolvem ações estruturantes que moldam os campos e, conseqüentemente, produzem práticas sociais e informacionais. Dito de outra forma, reconhecemos que há diferentes elementos que influenciam a atuação do bibliotecário no campo da saúde. Entre tantos, escolhemos o percurso de aprendizagem.

Para Henderson (2014), as novas concepções acerca dos cuidados da saúde, tecnologia e educação vêm demandando dos bibliotecários de Ciências da Saúde uma readaptação de seus alcances. Eles precisam ir além do papel de provedores de informação, para aprender a identificar tendências, antecipar as necessidades de seus clientes e encontrar proativamente novos papéis que ajudarão na missão de sua organização. Bibliotecas e bibliotecários de Ciências da Saúde podem permanecer relevantes vinculando objetivos e atividades às metas institucionais de pesquisa, assistência ao paciente e instrução informacional. Não obstante, Martinez-Silveira (2005, p. 150) argumenta que não serão as bibliotecas tradicionais, com seus acervos, que irão suprir com excelência as necessidades de informação dos médicos, e sim os “bibliotecários especializados” inseridos no contexto da saúde.

Contudo, como pode o bibliotecário brasileiro desenvolver essa ação especializada se não há escolas que o ensine? Abalizado no exposto, a questão que investigamos foi: Como os processos de aprendizagem influenciam no desenvolvimento das práticas informacionais dos bibliotecários de Ciências da Saúde no contexto brasileiro?



A partir desta questão, definiu-se como objetivo geral: investigar as trilhas de aprendizagem dos bibliotecários na área de saúde para compreender como estas influenciam suas práticas informacionais no campo.

Para subsidiar a consecução do objetivo geral, correlacionado à amostra de resultados apresentada **nesta comunicação**, apresenta-se os seguintes objetivos específicos: Identificar e analisar elementos que influenciam as práticas de aprendizagem situada dos bibliotecários na área da saúde; verificar a percepção dos bibliotecários sobre sua aprendizagem, produção de conhecimentos, competências e práticas de trabalho; analisar o atual arcabouço das trilhas de aprendizagem destes profissionais, sua integração às práticas informacionais e sua influência na atuação profissional.

A pesquisa desdobra-se a partir da perspectiva de que compreender as práticas informacionais e inventariar estas trilhas de aprendizagem suscita a reflexão de como os processos são ensinados na academia e como ocorrem na prática e quais os efeitos desta ação. Acreditamos que interconexões entre formação, pesquisa e prática são necessárias para o futuro da Biblioteconomia no campo da saúde e para a ressignificação do *habitus* bibliotecário neste campo (PRUDENCIO, 2019).

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As bases teóricas foram construídas por meio de uma *quasi-systematic review* (TRAVASSOS et al, 2008), método derivado da revisão sistemática de literatura, que possui o mesmo rigor para as etapas metodológicas e desenvolvimento do protocolo de pesquisa, mas não adota checagem cruzada com a utilização de mais de um revisor para comparação e maior consistência de julgamento. Nosso protocolo de pesquisa foi desenvolvido a partir da estratégia PICO, como apresentado no quadro 1:

Quadro 1 – Descrição da Estratégia PICO

ACRÔNIMO	DEFINIÇÃO	DESCRIÇÃO
P	Paciente ou População	Bibliotecários de Ciências da Saúde/Bibliotecários atuantes na área da saúde
I	Intervenção	Aprendizagem e formação dos bibliotecários de Ciências da Saúde
C	Controle ou Comparação	Práticas realizadas por bibliotecários estrangeiros que receberam formação específica;
O	Desfecho ou “Outcome”	Práticas informacionais e desempenho em atividades profissionais.

Fonte: Dados da pesquisa (2019).



Como critérios de inclusão, foram adotados estudos em português, inglês e espanhol, publicados em periódicos indexados nas fontes de informação BRAPCI, LISA, PubMed, LILACS, Scielo, ERIC e Web of Science. Estudos que não obedecessem a essas premissas e/ou que não tratassem especificamente de atividades relacionadas ao escopo de pesquisa (formação, aprendizagem e prática dos bibliotecários de Ciências da Saúde) foram descartados. O material utilizado na investigação foi de dois tipos: bibliográfico e dados de pesquisa. Este segundo, obtido através de observação e questionário, está diretamente relacionado aos resultados apresentados nesta comunicação.

Seguindo orientações de condução ética em processos de pesquisa, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, a pesquisa foi submetida e aprovada no Comitê de Ética do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro sob o processo nº 07866919.2.0000.5582 e parecer nº 3.177.777.

2.2 Instrumento de coleta de dados: questionário

A pesquisa envolveu três etapas de coleta de dados, num período total de 5 meses em campo. O questionário foi modelado no Google Forms e suas questões envolveram aspectos relacionados ao processo de aprendizagem profissional e as relações entre este e seu desempenho nas práticas realizadas, e levou-nos a identificar algumas dimensões ou temáticas entre as falas e as questões norteadoras, como apresentado a seguir:

Quadro 2 – Relação entre as perguntas do questionário e as dimensões da investigação

Questões norteadoras	Dimensão
Como é a atual formação?	Desenvolvimento e educação
Como fazer?	Trilhas de aprendizagem e desenvolvimento de competências
Que resultados? Quais práticas?	Percepção e influência da aprendizagem
Produção de conhecimento	Resultados da aprendizagem

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Aplicamos um questionário-teste, composto de 28 perguntas, a uma população-teste de 15 participantes. A taxa de retorno foi de 33,33%. Observou-se então que 7 questões precisavam ser reformuladas ou ajustadas e assim procedemos. O questionário final foi constituído de 27 questões, todas fechadas. Para algumas, adotou-se respostas



em escala Likert. A população-alvo do questionário, e, portanto, sujeitos da pesquisa, foram os bibliotecários de Ciências da Saúde.

Inicialmente, contatamos as seguintes comunidades de prática: Grupo de Bibliotecários de Ciências da Saúde; Grupo BACS - Bibliotecários Avaliadores em Ciências da Saúde; e Associação dos Profissionais de Informação e Documentação em Ciências da Saúde do Estado do Rio de Janeiro - APCIS/RJ. Os administradores das redes selecionadas foram contatados via e-mail, telefone e mensagem privada, solicitando autorização e cooperação. Em seguida, divulgamos o *link* do instrumento e iniciamos o recrutamento de voluntários para responder os questionários. A amostra potencial nesses grupos era de 261 participantes, contudo, só houve retorno efetivo do Grupo BACS, com 48 visualizações da mensagem. Com isso, assumimos que a taxa real de alcance desta parceria com as comunidades de prática selecionadas era de apenas 48 participantes.

Por isso, em uma segunda etapa, optamos por também construir um catálogo de contatos de bibliotecas da área da Saúde. Sendo assim, realizamos consulta ao e-MEC (Sistema de Regulação do Ensino Superior) e filtramos as universidades que tinham cursos de Medicina e Biomedicina. Selecionamos estes cursos por acreditar que, havendo estes, outros cursos da área da saúde existiriam na instituição. Ademais, poderíamos cooptar os bibliotecários atuantes nos hospitais universitários. Em seguida, acessamos os portais das instituições e inventariamos as páginas dedicadas às bibliotecas da área de saúde. Localizamos 391 unidades, mas em apenas 204 o endereço de *e-mail* estava disponível. Subsequentemente, procedemos de forma individualizada ao envio dos questionários aos 204 contatos. Destes, 46 e-mails retornaram por problemas técnicos.

O número final de potenciais respondentes à pesquisa foi de 206 participantes, sendo fruto de parceria com os grupos e associações e 158 de resultados de busca nos *sites* oficiais das bibliotecas. No fim, 80 participantes responderam ao questionário efetivamente, representando uma taxa de retorno de 38,83%.

3 TRILHAS DE APRENDIZAGENS DOS BIBLIOTECÁRIOS DE CIÊNCIAS DA SAÚDE BRASILEIROS

Como desenvolver a aprendizagem e as práticas de bibliotecário de Ciências de Saúde? Não seria surpresa se boa parte da audiência respondesse: criando cursos especializados em temas do campo e/ou incluindo disciplinas deste campo na formação generalista praticada



nas escolas de Biblioteconomia brasileiras. Essa ideia encontra amparo nas bases fundacionais de nosso sistema de ensino, fortemente ancorado na disciplinaridade e na compreensão que as ações de aprendizagem são subsidiadas por processos de ensino e ações convencionais de treinamento orientados à coletividade e realizados na maior parte das vezes em cursos presenciais de instituições de ensino formais (DEWEY, 1959; MORAES, 1996). Contudo, há abordagens alternativas, como a ideia das trilhas de aprendizagem.

Segundo Freitas (2002), a trilha de aprendizagem pode ser compreendida como o curso da ação que um indivíduo desenvolve para aprender. A autora acrescenta que seu aspecto central é a concepção de que cada indivíduo pode construir seu caminho de conhecimentos, desenvolvimento de habilidades e competências a partir de suas vivências anteriores, suas expectativas profissionais, estímulos do ambiente e contexto organizacional em que esteja inserido. A autora acrescenta que a plasticidade da ideia de trilhas permite o desenvolvimento de uma aprendizagem orientada, onde o aprendiz seleciona os recursos e estratégias disponíveis e desejáveis para aprender e assim construir sua trilha.

Todavia, Pozo (2002) alerta que a seleção destes recursos e, conseqüentemente, as disposições das ações de aprendizagem, são elementos integrados e integrantes de um contexto. Portanto, permanentemente sujeitos a modificações de disposições de estrutura e significado. A aprendizagem é assumida como um processo dinâmico, arquitetável e social; realizada de maneira situada, a partir de relações entre pessoas, contextos e práticas (LAVE; WENGER, 1991). Estes autores acrescentam que atos de conhecimento isolados não são suficientes para que ocorra aprendizagem – esta só ocorre quando os indivíduos participam de uma prática social da comunidade, compartilhando significados, linguagens, entre outros aspectos, isto é, quando sua participação se torna legítima (LAVE; WENGER, 1991).

A negociação ocorrida na comunidade impacta a própria ideia de aprendizagem do indivíduo, haja visto que é essencial reconhecer sua efetiva inserção e participação na comunidade para o desenvolvimento de práticas, inclusive a de aprendizagem. Em outras palavras, pertencimento não é condição para aprender; todavia, aprender a prática é uma condição para pertencer (LAVE; WENGER, 1991).

Neste sentido, há um reconhecimento de que os aprendizes aprendem com todos que participam da comunidade de prática em que estão inseridos. Supera-se a ideia de aprendizagem como processo individual e de aprendiz como receptor passivo de



conhecimento. Ao mesmo tempo, combate-se a dicotomia entre abstração e experiência. Portanto, a participação do aprendiz é real, ativa, influencia o que se encontra ao seu redor e é influenciada por isso (LAVE; WENGER, 1991). Coadunando com a ideia de trilhas de aprendizagem, sendo possível falar numa seleção de recursos e intencionalidade.

Aprender é mais que possuir conhecimento e técnicas específicas de sua profissão. Segundo Gherardi, Nicolini e Odella (1998, p. 274), “saber é ser capaz de participar com o requisito de competência em uma rede complexa de relacionamentos de pessoas e atividades”. O núcleo da aprendizagem é orientar o desenvolvimento da formação integral do indivíduo em uma comunidade de praticantes, em que este tenha uma capacidade geradora.

Se assumimos que o processo de aprendizagem é uma prática social desenvolvida a partir de relações entre as pessoas em um contexto social, deve-se notar que tanto o contexto quanto a aprendizagem são flexíveis e mutáveis, de forma que, nesta perspectiva, quando se modifica a participação e compreensão da prática, a aprendizagem também se altera (LAVE, 2013, p. 229). O autor ainda acrescenta que as mudanças no conhecimento e na ação são centrais para o que entendemos por aprendizagem.

Apoiados nos postulados de Lave e Wenger (1991), Gherardi, Nicolini e Odella (1998) concebem que existe uma relação entre conhecimento e prática, especialmente no que tange à transmissão do conhecimento tácito e do conhecimento ação. As autoras compreendem que se trata ao mesmo tempo de um processo social e cognitivo. Lave e Wenger (1991, p. 98) reforçam a importância das comunidades ao argumentar que “uma comunidade de prática é uma condição intrínseca para a existência de conhecimento, porque fornece o apoio interpretativo necessário para dar sentido a sua herança” (LAVE; WENGER, 1991, p. 98).

Ademais, é no âmbito das comunidades que ocorrem convenções que situam, negociam e incorporam a perspectiva de conhecimento. De acordo com Gherardi (2009, p. 357, tradução nossa), “o conhecimento só é relevante para um contexto particular de seu uso. Além disso, sempre tem potencial para ser reavaliado”. O reconhecimento da influência do ambiente social, sem ignorar o papel do coletivo de sujeitos, coaduna com a discussão empreendida por Araújo (2012), ao cotejar os postulados de Capurro sobre o paradigma social da Ciência da Informação com os estudos de usuários da informação e prática informacional. Para o autor,

o usuário não é totalmente determinado pelo contexto no qual se insere, nem é totalmente isolado ou alheio a ele; a determinação que o contexto exerce existe, é



real, mas não é mecânica nem absoluta, é interpretada e alterada pelo sujeito (ARAÚJO, 2012, p. 149).

Portanto, os praticantes – em nosso caso, os bibliotecários – recebem influência e influenciam a significação das ações informacionais que se desenvolvem no contexto em que estão inseridos. Segundo Cox (2013), o sujeito não é indiferente à ação do contexto e opera dentro de um quadro normativo de expectativas, ou seja, de uma prestação de contas relacionada a um modo de fazer compartilhado, criando uma prática¹. Neste sentido, inferimos que a aprendizagem que bibliotecários desenvolvem é uma prática social, influenciada pelos atores que compõem a comunidade, pelo contexto, tipo da unidade de informação, regras institucionais, políticas regulatórias, entre outros fatores (LAVE; WENGER, 1991; WENGER, 1998; SAVOLAINEN, 2007). Sob esta perspectiva, toda prática é social e

Toda prática social é uma prática informacional – expressão esta que se refere aos mecanismos mediante os quais os significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos e concretos de realização (MARTELETO, 1995, p. 92).

No desenvolvimento de seus afazeres, o bibliotecário interpreta dados, documenta processos, analisa, codifica e decodifica informações e assim desenvolvem práticas de informação a partir de um objeto de fronteira (STAR; GRIESEMER, 1989) – que é a informação em saúde. A maneira de conectar este objeto lança mão do aprendizado que os profissionais desenvolvem nas comunidades. Neste contexto, bibliotecários e profissionais de saúde negociam significados, interagem, abrem seus laços jurisdicionais e, assim, a proficiência se desenvolve e artefatos são produzidos. Ou seja, constroem coletivamente uma prática que possibilita atender às demandas das organizações e dos usuários de informação. Caso contrário, as comunidades e seus membros (periféricos e legitimados) se fecham e esta interação não ocorre.

De acordo com Wenger (1998, p. 47, tradução nossa), “a prática desenvolvida num contexto histórico e social dá estrutura e significado ao que fazemos”. A esse respeito, faz sentido complementar Wenger e sugerir que esse conjunto também influencia o que não fazemos, bem como a assertividade dessa ação. A ausência de um elemento que poderia

¹ O arcabouço dessa proposição é a perspectiva da teoria da prática, que vê as práticas como e com abordagens sociais.



desenvolver uma aprendizagem pode, por exemplo, influenciar a capacidade de obter respostas numa pesquisa bibliográfica, ou a ausência de conhecimentos normativos pode levar à entrega de produtos e serviços que não auferem os benefícios esperados ou que violem regras sociais da comunidade. A aprendizagem é uma parte integrante da prática social geradora do mundo em que vivemos (LAVE; WENGER, 1991, p. 23). Em outras palavras, a aprendizagem é um dos fatores que influencia o trabalho do bibliotecário.

A ideia de aprendizagem situada se afasta da indicação de espaço e tempo. Trata-se de desenvolver práticas *intra* e *extramuros* da comunidade. No entanto, também não se pode compreender que as práticas são reproduções sociais. Ancorado na concepção bourdieusiana, rejeita-se a ideia de prática como simples execução.

Isso porque na comunidade nem todos detém o mesmo tipo de participação. Por exemplo, no escopo da pesquisa em tela os bibliotecários são membros da comunidade, porém não natos, portanto, não possuem o que Bourdieu (2004) denomina de ciência infusa. Isso não significa que um recém-chegados não traga consigo conhecimentos, habilidades e práticas que não possam ser compartilhados e quiçá incorporados à nova comunidade.

São as necessidades e negociações empreendidas no âmbito da comunidade que moldam suas práticas e revelam a insuficiência dos atos de conhecimento para ocorrência da aprendizagem e estabilidade das fronteiras da comunidade. Vamos nos explicar. Ainda que o bibliotecário de referência já tenha executado tantas outras revisões sistemáticas de literatura na área de odontologia pediátrica, quando recebe a consulta de um pesquisador em uma revisão sistemática de literatura na área de periodontia, todo o conhecimento já acumulado não será suficiente. Será necessário negociar discursivamente com o usuário as questões da pesquisa, suas expectativas, mecanismos de inclusão e exclusão de material, convenções tácitas da área pesquisada, realizar avaliação dos itens selecionados, para que então entregue os melhores resultados ao pesquisador.

Portanto, inclusive os veteranos precisam se ajustar a desdobramentos da prática e o significado da prática é constantemente renegociado (WENGER, 1998). A partir disso, Wenger (1998) resume a perspectiva social da aprendizagem nos seguintes princípios: A aprendizagem é inerente à natureza humana; Consiste na primeira e principal habilidade para negociar novos significados; É fundamentalmente, experimental e social; Transforma identidades e constrói



trajetórias de participação; Significa lidar com fronteiras; Envolve poder, alinhamento e engajamento; Direciona uma ação recíproca entre o local e o global.

Especificamente sobre a aprendizagem de agentes não natos em um campo, Lave e Wenger (1991) alertam sobre a importância do reconhecimento atribuído pelos pares-concorrentes no interior do campo, produção colaborativa entre estes, produção e reprodução da ordem social, socialização de conhecimento entre outros (LAVE; WENGER, 1991). Trata-se de uma ação efetiva e produtiva no campo. É o que Thiry-Cherques (2006) ao discutir a teoria bourdieusiana chama de capacidade geradora do *habitus*.

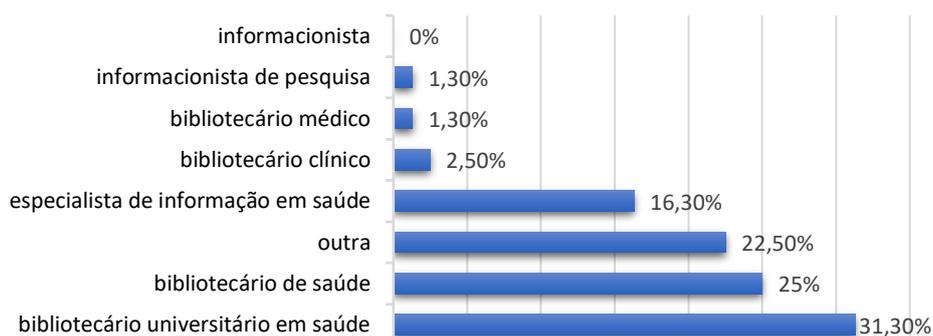
Os subsídios acima apresentados contribuem com a inferência de que não é o ato de conhecimento normatizado em currículos acadêmicos que exclusivamente possibilita ampliar e subsidiar a ação dos bibliotecários no campo da saúde, mas sim um conhecimento situado e produzido nas práticas, cuja aprendizagem revela-se no contexto da ação. Não menos importante, a ideia de coparticipação dos bibliotecários como membros destas comunidades de conhecimento em saúde, abrindo horizontes para uma pauta que extrapole a participação mediadora, mas também inclua a concepção de autoria, ou seja, como produtor de conhecimento da comunidade. Com isso, pontuamos que a aprendizagem dos bibliotecários é influenciada pelas práticas sociais e continuamente estas são modificados pela primeira. Sob tal ênfase, fomos a campo verificar como os bibliotecários já atuantes no campo constituíram suas trilhas de aprendizagem e quais os colóquios estabelecidos entre o processo de aprendizagem e práticas informacionais desenvolvidas.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Em certa medida, os resultados desta pesquisa, realizada nacionalmente, podem ser considerados uma cartografia da atuação dos bibliotecários brasileiros no campo da saúde. Neste sentido, iniciamos questionando como estes se intitulam profissionalmente.



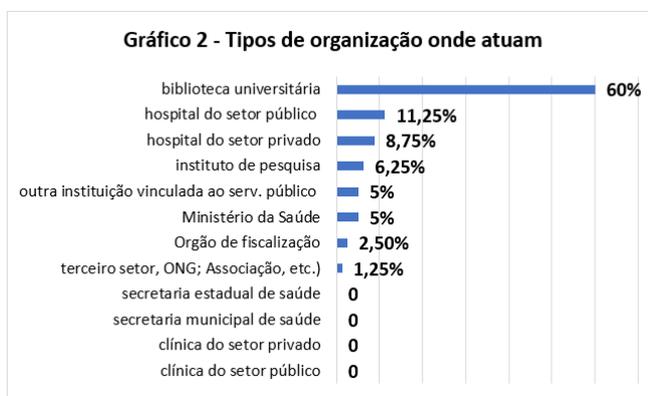
Gráfico 1 - Como se intitulam profissionalmente



Fonte: Dados da pesquisa.

Já no que tange aos ambientes de atuação dos participantes, a distribuição ficou da seguinte forma:

Gráfico 2 - Tipos de organização onde atuam



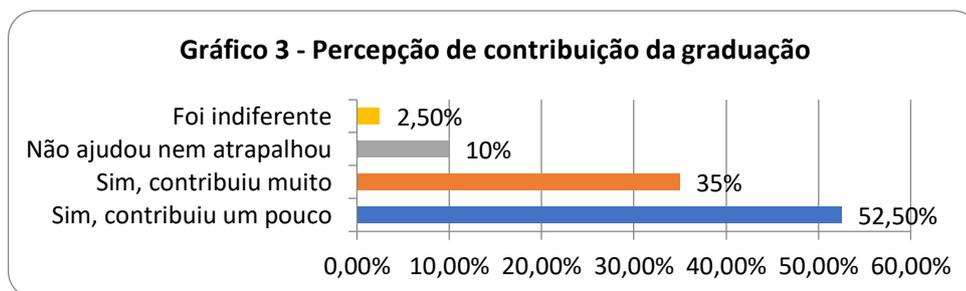
Observa-se maior variação entre as identidades profissionais anunciadas e o campo de trabalho indicado. Confirma-se então o que Dubar (2012) chama de “iniciação e conversão identitária”: o espaço é mais um dos elementos de identidade, mas não o único.

Em seguida, investigamos o nível de formação universitária da amostra: 6% com doutorado; 29% com mestrado; 36% com especialização e 9% com graduação. A partir destes dados obtidos, pode-se inferir que estes profissionais têm buscado ações de formação continuada, tal como orienta Valentim (2002). Outra perspectiva para análise destas ações de formação continuada podem ocorrer à luz da atribuição que Wenger (1998) desenvolve sobre titulação, posição e status na comunidade. Para o autor, estes elementos operam como elementos de legitimação na comunidade. Ou seja, ao possuí-los, os agentes experimentam alterações nas fronteiras e relações de poder estabelecidas na comunidade.



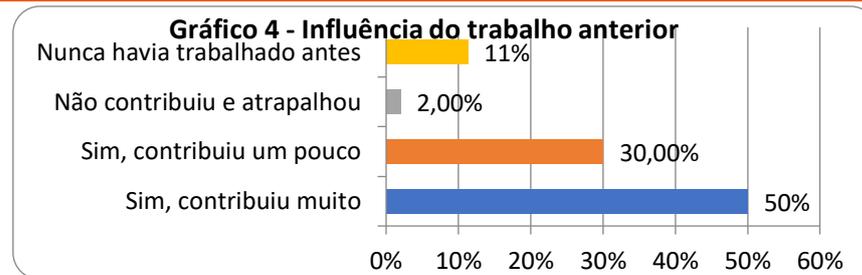
Também investigamos as áreas escolhidas para essas ações formativas tradicionais, destacando-se a área da saúde, especificamente a Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde, realizada por 22 profissionais (27,5% do total). Essa formação situada sugere uma busca por desenvolver um sistema de relações e pertencimento à comunidade em que estão inseridos, permitindo a estes bibliotecários melhor compreender as mudanças contextuais que afetam sua prática e como sua prática afeta o trabalho dos outros, bem como adaptar-se ao jogo linguístico e comunicativo capaz de gerar entendimento entre os nativos do campo e os demais agentes, assim como desenvolver capitais cultural, social e científico.

Partindo do pressuposto de que os atos de conhecimento ancorados na disciplinaridade são insuficientes para uma ação eficiente no campo, questionamos os profissionais acerca da contribuição de sua graduação para o desenvolvimento de suas práticas atuais de trabalho, obtendo os seguintes dados:



Fonte: Dados da pesquisa.

Com isso, confirma-se a premissa teórica de Lave e Wenger (1991), ao indicar que a aprendizagem é potencialmente situada. Isto é, os conhecimentos já obtidos ajudam, mas não são capazes de isoladamente desenvolver todas as habilidades ou competências necessárias à atuação profissional efetiva. A aprendizagem como resultante de uma prática compartilhada é influenciada pelo reconhecimento da posição dos praticantes, pelo capital intelectual acumulado, pelo pertencimento ao contexto em que se está inserido, pelas opções oferecidas e assumidas pelo aprendiz para a constituição de sua trilha de aprendizagem, bem como por outros elementos. Isso converge com as respostas a respeito da contribuição do trabalho anterior no desenvolvimento de conhecimentos e competências necessárias para as práticas que os profissionais desenvolvem atualmente, como vemos a seguir.



Fonte: Dados da pesquisa.

Infere-se que a aprendizagem é contínua, não havendo elementos únicos capazes de abordar e dar conta de todo o arcabouço necessário às práticas. Verifica-se que a ideia de trilha de aprendizagem reflete entendimentos e reconstrução de experiências em detrimento dos processos de instrução. Com isto, pode-se reconhecer que aprendemos com o contexto em que estamos inseridos e que há um conhecimento gerado na prática de trabalho. Não se trata de valorizar uma em detrimento da outra, mas de reconhecer que as práticas ocorridas no contexto de trabalho também constituem práticas formativas. Daí a importância da socialização entre a academia e o mundo do trabalho. Em seguida, questionamos a amostra sobre quais temas ou aspectos sentiram mais dificuldade ao ingressar na área da saúde.

Gráfico 5 – Temas/áreas que teve dificuldade ao entrar na área



Foram apontados 13 temáticas. As de maior ocorrência se relacionam diretamente ao campo de atuação destes profissionais. Nesta linha, sugere-se que não ser um agente nato do campo implica em dificuldade na compreensão de algumas estruturas. Destaca-se que os maiores percentuais englobam aspectos relacionados à linguagem específica e representação da área da saúde (terminologia, especialidades). A linguagem tem papel essencial nas práticas informacionais desenvolvidas. É ela que gera ou não o entendimento e a interseção entre campos, afetando a busca e uso da informação (ROCHA, 2018). A linguagem que reconfigura, afeta e permite ou não o desenrolar de práticas influencia também a iniciação no chamado

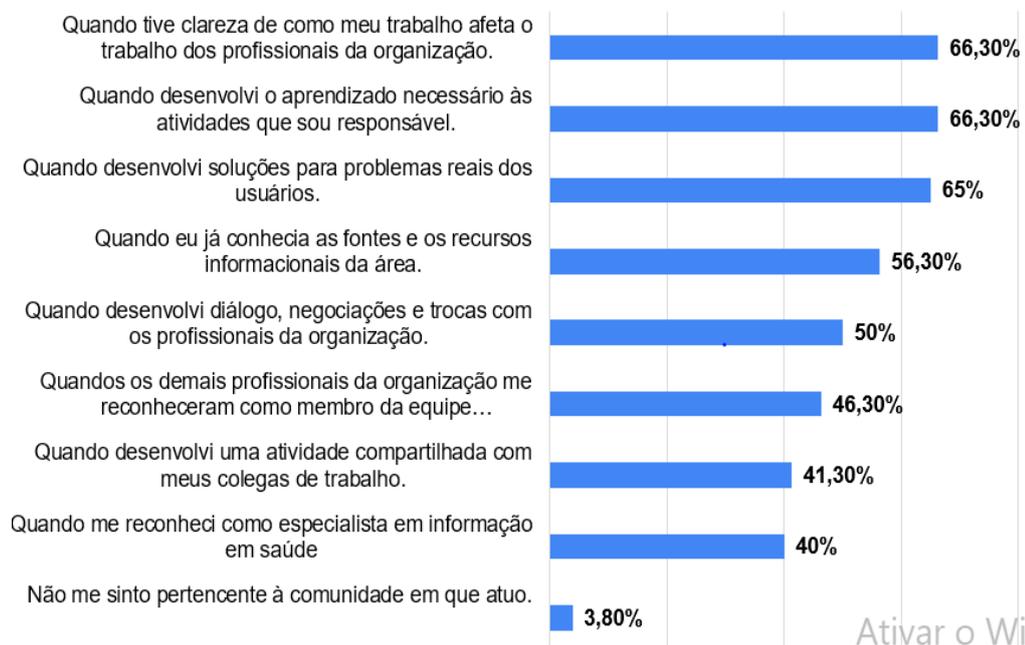


"trabalho real" (DUBAR, 2012) e isso impacta o crescimento e entendimento acerca do fazer biblioteconômico e a compreensão de como nossas práticas atingem o trabalho do outro.

Partindo da premissa de que o processo de aprendizagem é sempre progressivo, inquirimos os participantes após quanto tempo atuando na área eles sentiram haver desenvolvido o aprendizado necessário às práticas pelas quais são responsáveis. A maioria dos profissionais indicou após 2 anos. Apoiado em Wenger (1998), é possível inferir que durante este período experimentam sua participação periférica. Isto é, foi durante esse período que se integraram à comunidade, ao contexto e compreenderam os modos explícitos e tácitos de governança estabelecidos.

Questionamos ainda quais elementos influenciaram o sentimento de pertencimento destes profissionais em relação à comunidade em que atuam.

Gráfico 6 – Pertencimento a comunidade em que atua



Ativar o WII

Os dados acima evidenciam que a maior parte teve seu pertencimento impactado pela capacidade de resolver problemas reais e práticos dos usuários e de sua lide profissional. O mesmo pode ser dito sobre a capacidade de desenvolver negociações discursivas e sobre a oferta de soluções aos problemas enfrentados pelos usuários. Na articulação de elementos como atos de conhecimento, negociações discursivas e engajamento que a aprendizagem e a



produção de novos conhecimentos se desenvolvem. Outro item avaliado em nosso questionário foram as práticas desenvolvidas por estes profissionais em sua organização. Vejamos os dados:

Gráfico 7 – Práticas desenvolvidas



Fonte: Dados da pesquisa.

Foram citadas 21 práticas. Observa-se, assim, que estes profissionais atuam em variadas fases do ciclo informacional em saúde. É através das práticas informacionais que de fato colaboram e afetam a tomada de decisão dos demais profissionais da organização, que o bibliotecário se coloca como necessário à organização e não somente presente por força regulatória. Por conseguinte, sua aprendizagem extrapola a reprodução e o entendimento do conhecimento já produzidos por outrem. Nesse sentido, ele também é um produtor.

Outrossim, solicitamos à amostra que refletisse sobre sua trajetória profissional na área da saúde e assinalasse os enunciados que consideravam aplicáveis à sua vivência profissional.

Gráfico 8 – Percepções sobre a trajetória profissional e de aprendizagem



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme os dados acima, 3 enunciados ultrapassam 70% de frequência e todos estes sugerem a importância da aprendizagem situada como prática social, desenvolvida nas comunidades profissionais e elaborada e reelaborada por todos os agentes do campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respondemos nossa questão de pesquisa ao anunciar que a aprendizagem altera a intencionalidade das práticas desenvolvidas pelos bibliotecários no campo da saúde. Pode-se indicar a alteração da jurisdição profissional, a (res)significação da identidade profissional, os novos perfis profissionais delineados, a relação intra e extra comunidade mantenedora.

Verificou-se que a constituição destas trilhas de aprendizagem é influenciada pelos fluxos informacionais existentes, pela capacidade de negociação discursiva e de ação no campo, pela motivação de aprendizagem, pelo reconhecimento na comunidade, bem como pelo conhecimento gerado nestas conversões. Outrossim, os profissionais têm práticas informacionais variadas e, igualmente, desenvolveram identidades profissionais diversas.

Dessa forma, torna-se urgente uma maior socialização dos conhecimentos adquiridos, práticas desenvolvidas e experiências vivenciadas, objetivando revelar oportunidades e espaços na área da saúde a serem preenchidos pelos bibliotecários, melhorias nos processos



de trabalho que podem e devem ser empenhadas, bem como que este aprendizado decorrente das práticas gera um conhecimento aplicado.

Outro ponto que defendemos é que o processo de pesquisa tem uma clara orientação à produção de conhecimento e entendemos tal processo como um dos artefatos de poder e resistência do bibliotecário enquanto agente não nato no campo da saúde. Como Bourdieu (2004) pontua, as relações objetivas estabelecidas no campo garantem [ou não] sua existência. Nesta direção, ponderamos que os bibliotecários de Ciências da Saúde, enquanto sujeitos sociais que são, ao participarem de práticas de trabalho e de comunidades de aprendizagem, contribuem direta e indiretamente para a produção de conhecimentos das comunidades de saúde. Tornam-se, assim, coprodutores de conhecimento em saúde.

Concluimos que a aprendizagem influencia o desenvolvimento das práticas informacionais dos bibliotecários de Ciências da Saúde no contexto brasileiro em dimensões pessoal, interpessoal, profissional e social. Verificou-se que ocorre uma aprendizagem profissional no cotidiano e que todos os agentes do campo impactam este processo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. A. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 145-159, 2012. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/96199>. Acesso em: 18 jul. 2019.

BERAQUET, V. S. M.; CIOL, R. Atuação do bibliotecário em ambientes não tradicionais: o campo da saúde. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 127-137, jan./dez. 2010. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/13645>. Acesso em: 20 maio 2022.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, P.. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

COX, A. M. An exploration of the practice approach and its place in information science. **Journal of Information Science**, Cambridge, MA, v. 38, n. 2, p. 176-188, 2012. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/01655515111435881>. Acesso em: 22 maio 2022.

DEWEY, J. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.



DUBAR, C. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. Tradução. Fernanda Machado. **Cadernos de Pesquisa**, v.42 n.146, p.351-367, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v42n146/03.pdf>. Acesso em: 14 maio 2022.

FREITAS, I. A. Trilhas de desenvolvimento profissional: da teoria à prática. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 26., 2002, Salvador. Anais eletrônicos [...]. Salvador: ANPAD, 2002. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2002-cor1336.pdf>. Acesso em: 26 maio 2022.

GHERARDI, S.; NICOLINI, D.; ODELLA, F. Toward a social understanding of how people learn in organizations: the notion of situated curriculum. **Management Learning**, v. 29, n. 3, p. 273-297, 1998. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1350507698293002>. Acesso em: 20 set. 2019.

GHERARDI, S. Introduction: the critical power of the 'practice lens'. **Management Learning**, London, v. 40, n. 2, p. 115–128, abr. 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1350507608101225>. Acesso em: 20 ago. 2019.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MARTINEZ-SILVEIRA, M. S. **A informação científica na prática médica: estudo do comportamento informacional do médico residente**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

MARTELETO, R. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n.1, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613>. Acesso em: 28 maio 2022.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papyrus, 1997.

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PRUDENCIO, Dayanne da Silva. Trilhas de aprendizagem dos bibliotecários de Ciências da Saúde à luz da aprendizagem situada. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ROCHA, Janicy A. Pereira; GANDRA, Tatiane Krempser. Práticas informacionais: elementos constituintes. **Informação & Informação** (Online), v. 23, p. 566-595, 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/28857>. Acesso em: 18 maio 2022.



STAR, S. L.; GRIESEMER, J. R. Institutional ecology, 'translations' and boundary objects: amateurs and professionals in Berkeley's Museum of Vertebrate Zoology, 1907–1939. **Social Studies of Science**, London, v. 19, n. 3, p. 387-420, 1989.

SAVOLAINEN, R. Information behavior and information practice: reviewing the "umbrella concepts" of information-seeking studies. **The Library Quarterly**, Chicago, v. 77, n. 2, p.109-132, abr. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1086/517840>. Acesso em: 22 jan. 2019.

TRAVASSOS, G. H. et al. An environment to support large scale experimentation in Software Engineering. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON ENGINEERING OF COMPLEX COMPUTER SYSTEMS, 13., 2008, Belfast. **Electronic proceedings** [...]. Belfast, UK: IEEE, 2008. p. 193-202. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/document/4492892>. Acesso em: 10 maio 2019.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, jan./fev. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>. Acesso em: 18 maio 2022.

THORPE, C.; PARTRIDGE, H. L.; EDWARDS, S. L. Are library and information professionals ready for evidence based practice? In: AUSTRALIAN LIBRARY AND INFORMATION ASSOCIATION BIENNIAL CONFERENCE, 8., 2008. Austrália. **Proceedings** [...]. Austrália: Alice Springs, 2008. Disponível em: <https://eprints.qut.edu.au/28370/>. Acesso em: 10 maio 2022.

WENGER, E. **Communities of practice**: learning, meaning, and identity. New York: Cambridge University Press, 1998.